EDIÇÃO DE COLECIONADOR

PLACAR

OS GRANDES MOMENTOS | A VIDA EM NÁPOLES | A GENIALIDADE NA COPA DE 1986 | A COMOÇÃO NO VELÓRIO | GALERIA DE FOTOS

DIEGO ARMANDO MARADONA

1960 | 2020

O MAIS HUMANO

Clarín
Jueves 26.11.2020
DIEGO MARADONA 1960 - 2020
No habrá ninguno igual

L'ÉQUIPE
DIEU EST MORT
Diego Armando Maradona (1960-2020)

Olé 1960 - INFINITO

A redação de PLACAR estava preparada para dar os últimos retoques na edição de dezembro, quase pronta, quando o grupo de WhatsApp organizado para facilitar o trabalho em tempo de pandemia (o "quarentena") começou a piscar nervosamente. Passava pouca coisa de 12h30 daquela quarta-feira, 25 de novembro, quando o editor Luiz Felipe Castro e os repórteres Alexandre Senechal e Klaus Richmond, incansáveis, trataram de disparar mensagens. "Meu Deus, o Maradona morreu", escreveu Castro. "O dia vai ser longo", avisou ele, antevendo as dezenas de postagens que subiriam no site da revista e em nossas redes sociais. "Está caindo a ficha, que paulada. Bizarro chorar por alguém que a gente nem viu jogar", resumiu. Passado algum tempo de silêncio, trocado pela velocidade para acompanhar as notícias que vinham da Argentina, Senechal teve uma ideia: "E se lançarmos uma edição de PLACAR a toque de caixa, no estilo do que fizemos com os 80 anos de Pelé? Conseguimos?". Sim, conseguimos.

REVISTAPLACAR
@PLACAR
@REVISTAPLACAR
VEJA.ABRIL.COM.BR/PLACAR
PLACAR@ABRIL.COM.BR

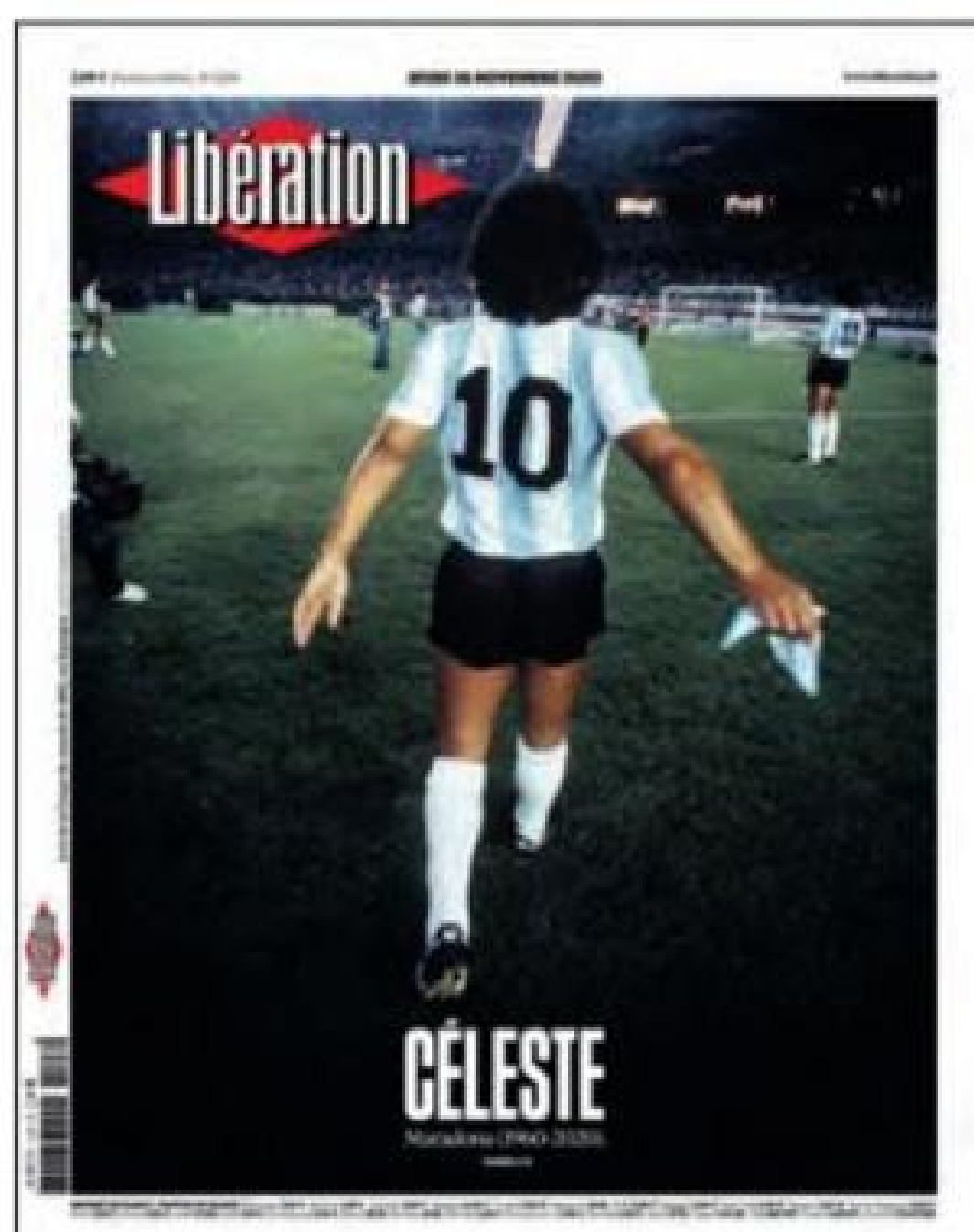
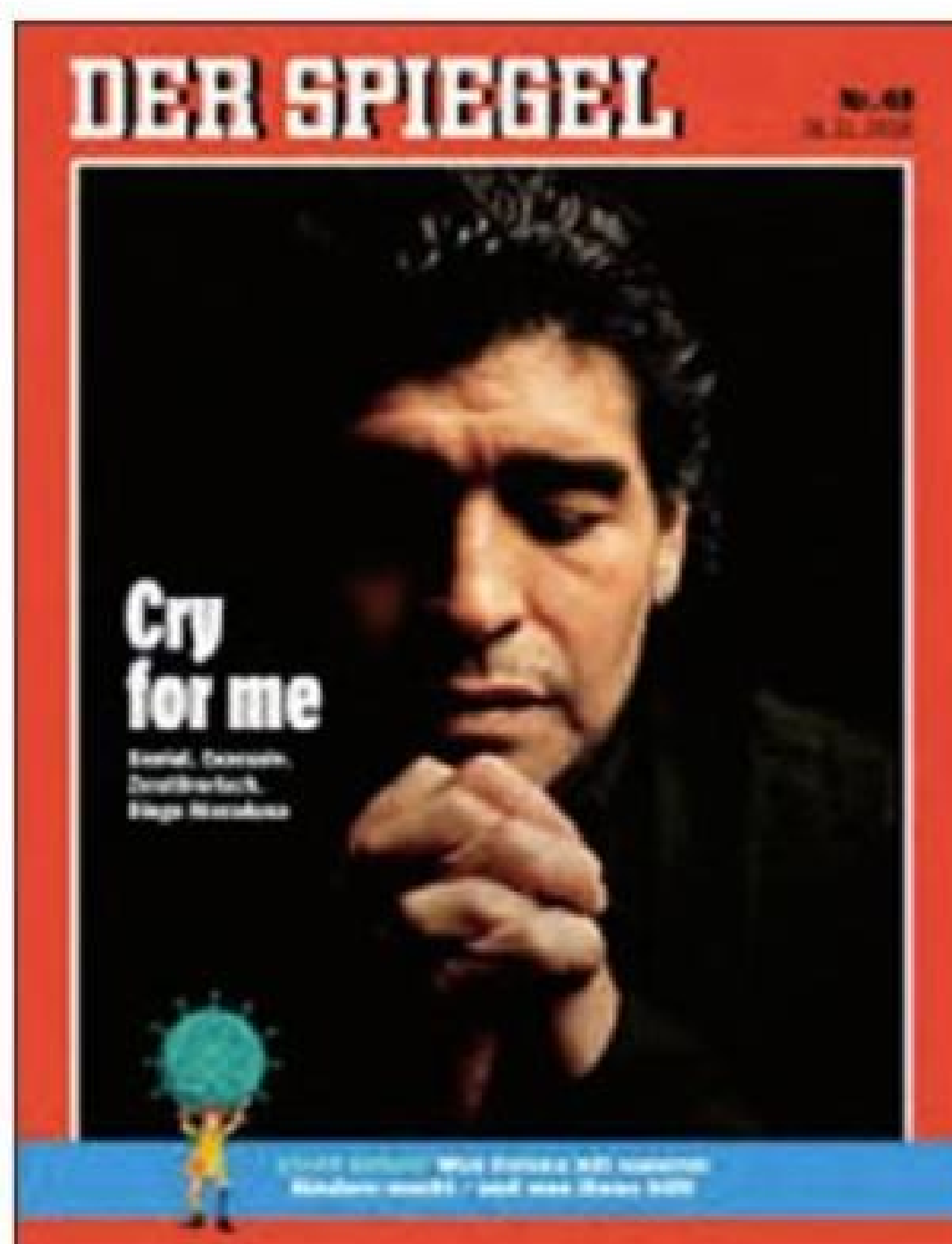
A filha Dalma põe uma flor no meião de Diego, o pai, obrigado a ser Maradona desde a adolescência, uma das mais fascinantes personalidades da história — e não apenas do futebol, como revelou a repercussão de sua morte estampada em jornais de todo o mundo

NICO ESTEVES

DOS DEUSES

Poucos personagens da história do futebol são tão cativantes quanto Maradona, o "mais humano dos deuses", na definição do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Ele nunca foi apenas um craque. Para Maradona, jogar bola, melhor do que todos os outros, era uma diversão, mas sobretudo um modo de oferecer alegria aos "descamisados", a quem tem pouca coisa mais do que a alegria de um gol. Numa comparação talvez indevida, mas compreensível, ele foi como Mané Garrincha. Para os amantes do esporte e das opiniões fortes, PLACAR oferece esta edição de colecionador, coordenada por Gabriel Pillar Grossi.

Obrigado, Diego Maradona.

CAPA: BILDBYRAN/ZUMA PRESS/FOTOARENA

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquiria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Sidnei Gil, Tatiana Leonardi, Thamyres Rezende, Tiago Guimarães e Wellington Budim (Dedoc); Kaio Figueiredo da Silva (pesquisa de fotos); Gabriel Grossi (edição de texto) e Klaus Richmond (reportagem)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Marcelo Alberto Cohen (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), André Marini (Regionais e Governo). DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira OPERAÇÕES EDITORIAIS E MARKETING MARCAS Andrea Abelleira BRANDED CONTENT, EVENTOS E VÍDEO Sandro Ferreira Rosa PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Irvinng Lage ABRIL BIG DATA (Big Data + Seo + Mkt Digital + Advertising) Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1470 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

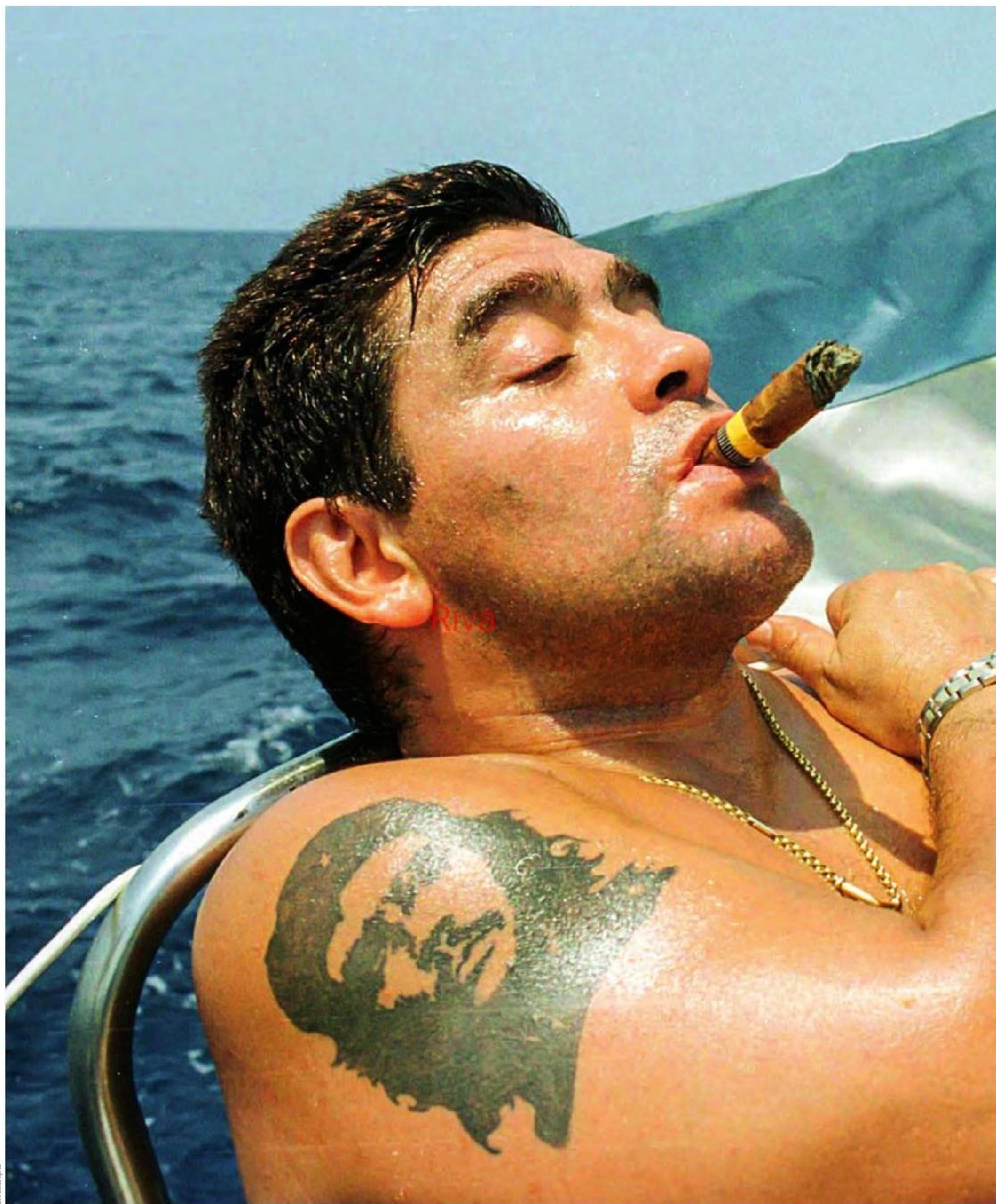
Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

GRUPO Abril
www.grupoabril.com.br

Em 1987, em um amistoso contra a Alemanha, na repetição da final do ano anterior: lenda

FERDI HARTUNG/IMAGO IMAGES/FOTOARENA

ÍNDICE

O ÚLTIMO DRIBLE

Diego Maradona viveu como jogou futebol: sem concessões, sempre autêntico, de olho no gol. Em campo, com a bola nos pés, foi inigualável. Fora dele, demasiadamente humano, era um poço de contradições

Gabriel Pillar Grossi

Seu coração quase tinha parado, por causa de uma overdose de cocaína, em 2000. O cérebro foi operado, havia um mês, para drenar uma hemorragia. A vida toda foi regada por grandes doses de sexo, drogas e rock'n'roll, não necessariamente nessa ordem. Ainda assim, a notícia da morte de Maradona, em 25 de novembro, espantou o mundo e prostrou a Argentina *(leia na pág. 14)*. O maior jogador de futebol da história do país, entre os grandes de todos os tempos, um gênio, que trabalhava como técnico do Gimnasia y Esgrima, estava em sua casa no município de Tigre, ao norte da capital, Buenos Aires. O primeiro a divulgar a notícia foi o jornal *Clarín*: "E um dia o inevitável aconteceu. É um tapa emocional, que ressoa em todos os lugares. Um impacto mundial. Uma notícia que marca uma dobra na história. A frase que várias vezes foi escrita, mas tinha sido driblada pelo destino, agora é parte da triste realidade: morreu Diego Armando Maradona". Com seus altos e baixos, na carreira e na vida, Maradona encarnou o espírito de seu país. Foi, o tempo todo, herói e vilão *(como mostra a reportagem sobre o dia em que fez dois gols num jogo de Copa e explicitou essa faceta para todo o planeta, na página 24)*. Ídolo inconteste, por tudo o que fez com uma bola nos pés (nos ombros, na cabeça, nas coxas, nos calcanhares e até nas mãos), foi também um mau exemplo, ainda que jamais possa ser considerado culpado por isso, como resultado de seu triste envolvimento com as drogas *(o vício, que explodiu quando jogava pelo Napoli, na Itália, está detalhado a partir da página 40)*.

O jornalista Ernesto Cherquis Bialo, ex-diretor da revista esportiva *El Gráfico*, resumiu parte da alma de Maradona em uma entrevista para a TV, explorando tam-

Com Che Guevara marcado no braço direito: ele era *gauche* na vida, canhoto, encrenqueiro, inconformado

ALLSPORT/GETTY IMAGES/AFP

Não fazia diferença: com crianças e amigos, na praia, no litoral argentino e diante do pelotão de compenetrados jogadores da Bélgica na Copa de 1982, o dez gostava mesmo era de diversão

bém a paixão dos argentinos pela psicanálise. "Qual Maradona? Você acredita que há um Maradona? Eu acredito que são muitos. Pelo menos oito ou nove Maradonas. Um que joga futebol, um que alcançou a celebridade, um filho que morreu quando morreram seus pais, um pai que se reinventa a cada dia, um amigo que muda com o tempo. Há um Maradona sublime, um abjeto e um fenomenal, um de frases inesquecíveis e um de frases que é melhor nem lembrar. É a soma de tudo isso em um só homem, um gênio, uma maravilha."

Maradona nasceu no município de Lanús, em 30 de outubro de 1960, e foi criado em Villa Fiorito, um bairro pobre na zona sul de Buenos Aires. Dividia um cômodo com sete irmãos, e na casa não havia água encanada. Em 2004, numa entrevista, afirmou: "Eu cresci num bairro privado. Privado de água, de luz e de telefone". A infância difícil foi driblada com uma bola de futebol na perna esquerda. Aos 11 anos, jogava tanto que um técnico adversário o acusou de ser um anão. Se tornou profissional aos 15 anos, pelo Argentinos Juniors. Rapidamente, o estádio começou a lotar — com torcedores de outros times que queriam ver o prodígio. Dois anos depois, em 1978, o técnico César Luis Menotti recusou-se a convocá-lo para a seleção, que disputaria a Copa do Mundo em casa, por achar que o pibe, com apenas 17 anos, era muito imaturo.

Um ano se passou, a Argentina foi campeã mundial juvenil e Maradona, eleito o melhor do torneio. Em 1982, na maior transação envolvendo um jogador de futebol até então, ele foi vendido pelo Boca Juniors ao Barcelona por 7,2 milhões de dólares. Depois de duas temporadas no clube espanhol, sem sucesso, transferiu-se para o Napoli. Na época, o Campeonato Italiano era, de longe, o melhor do mundo (Falcão, Zico e Sócrates também estavam lá, entre muitos outros craques de todas as latitudes). Nas sete temporadas seguintes, Maradona se transformou em "deus" do futebol — a ponto de muitos começarem a se questionar se havia surgido, finalmente, um craque tão bom (quiçá, melhor) que Pelé, o "rei". Desde então, são incontáveis as fotos do 10 argentino em campo com vários adversários à sua volta, tentando impedir sua magia, como se houvesse um antídoto.

STEVE POWELL/GETTY IMAGES

EL GRAFICO

Com Pelé, no programa de televisão *La Noche del Diez*: recorde de audiência, conversa animada e uma sucessão de cabeçadas que parecia não ter fim

No Brasil, o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra que durante toda a década de 1970 foram registradas 5 381 crianças com o nome Diego. Nos dez anos seguintes, esse número saltou para 158 533. Até chegar, de 1990 a 1999, a 178 701 novos nascimentos. Bom, para um país que adora provocar o vizinho em tudo, não? Na Argentina, nem se fala. Se nós o chamamos de Maradona, eles preferem apenas El Diego — assim, com o artigo definido, para se diferenciar dos tantos outros milhares de Diegos.

Yo Soy El Diego é também o nome da autobiografia do jogador, em que fala de um aspecto sempre tão destacado em sua vida: a paixão pela política. No livro, ele destaca que foi justamente a infância pobre em Villa Fiorito que moldou suas convicções. "Quando vivia na Argentina, Che Guevara era, para mim, o mesmo que para a maioria dos meus compatriotas: um assassino, um terrorista malvado", escreve. Na Itália, descobriu uma história diferente da que era contada na escola durante a ditadura militar argentina. "Figuras como *(o general Jorge Rafael)* Videla sujam o nome da Argentina lá fora. O nome de Che devia nos deixar orgulhosos." A imagem de Che seria tatuada em seu braço direito.

Em 1996, foi incisivo: "Sou completamente esquerdista: de pé, de fé e de cérebro". Era *gauche*, em várias acepções da palavra: diferente, esquisito, encrenqueiro, lutador, inconformado com as desigualdades — além do posicionamento político e do fato de ser canhoto. Nove anos antes, ele conhecera pessoalmente aquele que se tornaria "meu segundo pai": o então presidente de Cuba, Fidel Castro. No livro, Maradona relembra o que aconteceu: "Ele nos recebeu em seu gabinete, bem de frente para a Praça da Revolução. Eu estava tão nervoso que as palavras não saíam". O encontro durou da meia-noite até as 3 da manhã. "Ao final, tive a sensação de estar falando com uma enciclopédia. Foi como tocar o céu com as mãos." No universo futebolístico, raríssimos são os grandes astros a se posicionar politicamente como Maradona sempre o fez. Curiosamente, Fidel também morreu num 25 de novembro, há quatro anos.

Entre tantas coisas que fez na vida, Maradona teve um programa de grande sucesso na TV, chamado

MARCOS BRINDICCI/AP

Na sacada da Casa Rosada, a sede da Presidência e palco da despedida: figura central do período de democracia que sucedeu à ditadura militar de Jorge Rafael Videla

La Noche del Diez. Ali, recebeu Pelé para um bate-papo animado e uma troca de toques de bola de cabeça que só terminou porque o diretor deve ter dito "basta", caso contrário estariam lá até hoje. Em uma dessas noitadas, cravou 40 pontos de audiência com uma… autoentrevista. Na inusitada sessão de terapia, ao perguntar a si mesmo quais eram seus arrependimentos, afirmou: "Não acompanhei o crescimento das minhas filhas, faltei em muitas festas… Fiz meus pais e meus irmãos sofrer. E não pude dar 100% no futebol porque, com a cocaína, eu não levava vantagem, dava vantagem aos outros".

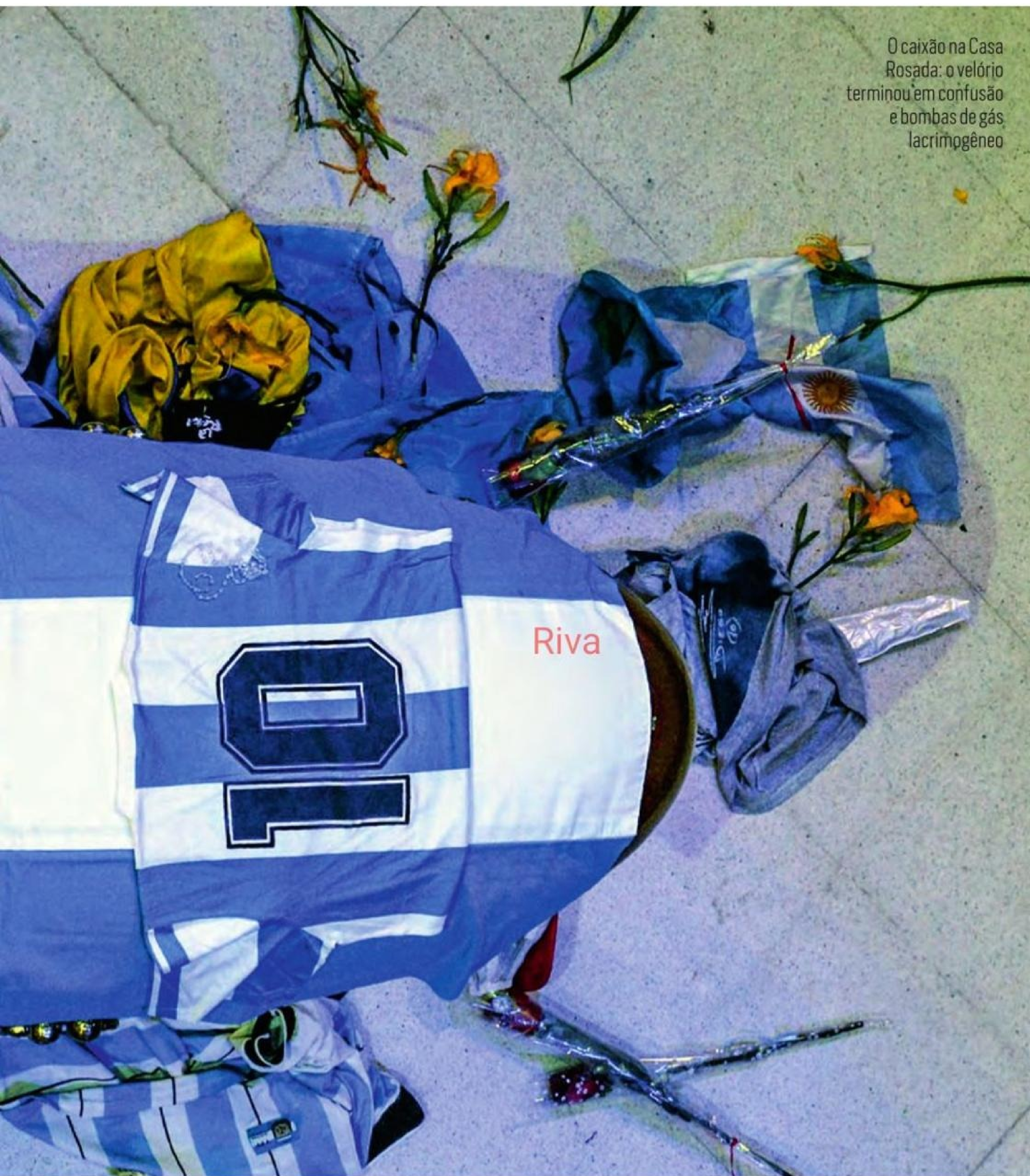
A Fifa decretou que os 211 países filiados deveriam fazer um minuto de silêncio em homenagem a Maradona em todas as partidas disputadas na semana seguinte. Em Buenos Aires, a disputa passou a ser pela herança. A briga começa por saber quem tem direito a ela: são cinco filhos reconhecidos (pretendia reuni-los pela primeira vez no aniversário de 60 anos, em outubro, mas um que mora na Itália contraiu Covid-19 e não conseguiu viajar) e outros seis que lutam na Justiça por esse reconhecimento (quatro em Cuba e dois na Argentina), todos já adultos. Em várias ocasiões, o craque disse que não deixaria nada "porque ia doar tudo". Mas não foi o que aconteceu.

Segundo um site americano especializado em finanças de celebridades, Maradona teria ganho perto de 500 milhões de dólares em contratos e patrocínios. Seu patrimônio atual estaria perto de 100 milhões de dólares: cinco casas em Buenos Aires e nos arredores da capital, vários carros de luxo, uma coleção de joias que inclui um anel de brilhantes avaliado em 300 000 euros (seu amuleto nos últimos tempos como treinador) e muito mais.

Diego Armando Maradona viveu como jogou futebol, com paixão e entrega. Foi multifacetado, mas sempre autêntico. Nunca ninguém lhe deu um "manual de instruções para a vida": descobriu tudo sozinho e nunca teve medo de nada. Como dizem os argentinos, com os mesmos pés que pisava na lama alcançou o céu. O tempo todo, foi Maradona. ■

AFP

“Se morrer, quero voltar a nas

O caixão na Casa Rosada: o velório terminou em confusão e bombas de gás lacrimogêneo

cer e ser jogador de futebol...

EFE

...e quero voltar a ser Die

Os "descamisados" na fila para a despedida em plena pandemia: aglomerados e poucos deles com máscara

go Armando Maradona."

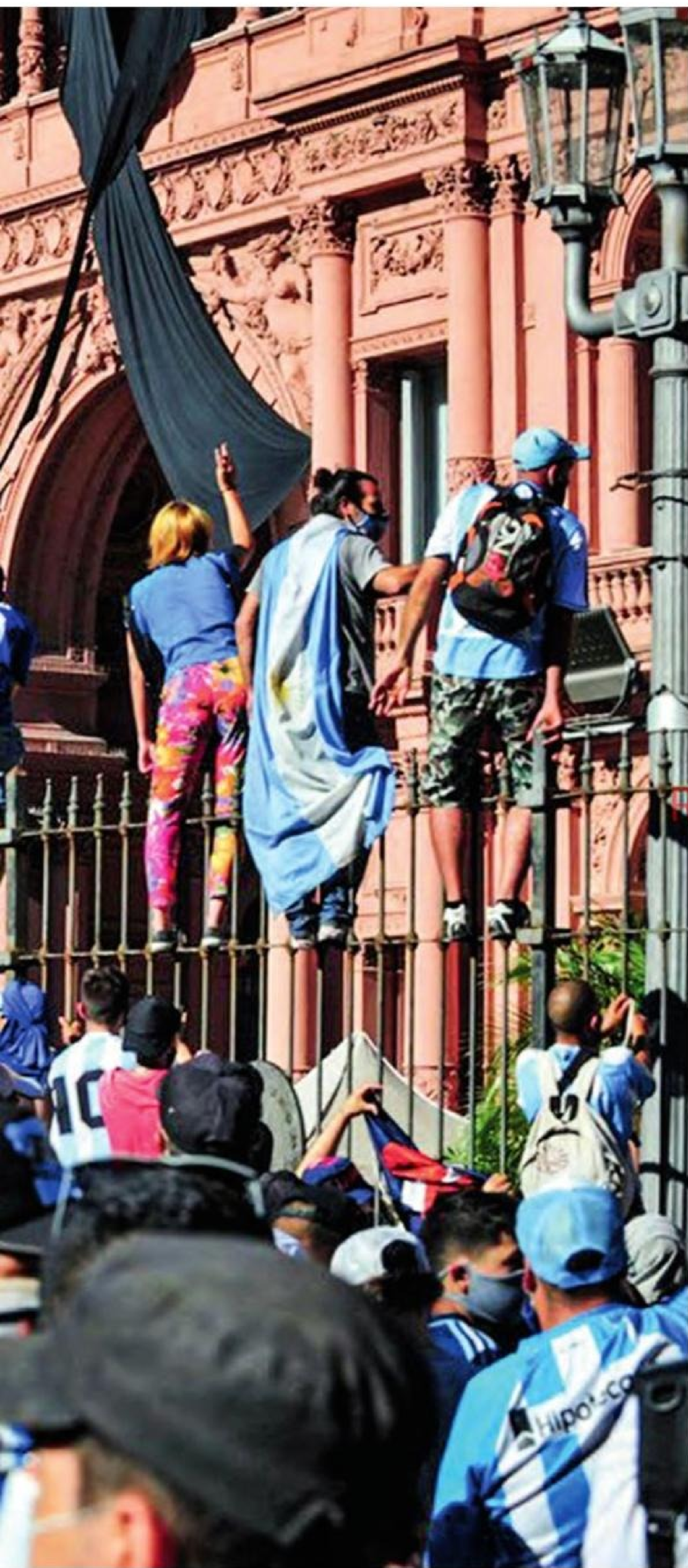
JUAN IGNACIO RONCONORI/EFE

O LUTO ECUMÊNICO

Em um velório e cortejo fúnebre que remetem às homenagens a Evita Perón, pela grandeza e emoção, o genial canhoto conseguiu reunir torcedores do Boca Juniors e do River Plate, como se no futebol não houvesse mais rivalidade

O velório e o cortejo fúnebre de Maradona evocaram outras exéquias monumentais da Argentina — especialmente as de Evita Perón, morta de câncer aos 33 anos, em 1952. Filhos, netos e bisnetos dos "descamisados" que homenagearam a primeira-dama há mais de cinco décadas, em choro coletivo, estavam na quinta-feira, 26 de novembro, na fila que culminava em um dos salões da Casa Rosada, onde repousava o caixão decorado com as camisas da seleção e do Boca. Colar a figura de Maradona à de Evita, guardadas todas as diferenças históricas, não é exagero — em vida e na morte, sobretudo na morte, ele provocou reações populares de tom semelhante, alimentadas pela parábola de sucesso e derrocada de um *cabecita negra* que foi longe. O corpo de Maradona, tal qual o de Evita, não era um corpo qualquer, que autorizasse despedida tranquila. No romance *Santa Evita,* de 1995, o escritor portenho Tomás Eloy Martínez (1934-2010) misturou ficção com mito ao contar um episódio de realismo fantástico. O general Juan Domingo Perón ordenou que embalsamassem a mulher, exposta dentro de uma redoma de vidro. Em 1955, três anos depois da passagem dela, quando o ditador caiu, o cadáver de Evita virou estorvo — foi sequestrado pelo serviço de inteligência do Exército, vagou pelas ruas de Buenos Aires, foi dar nos fundos de um cinema encardido, viveu uma aventura inglória que terminaria na Europa. Com Maradona não se deu tanta extravagância, mas houve ecos daquele fanatismo com a "mãe dos pobres". Três funcionários da casa funerária que prepararam o corpo de *El Diego* para a exposição pública tiraram fotos com o esquife aberto e as es-

Velas e fotografias na derradeira homenagem ao craque que foi capaz de reunir torcedores de times arquirrivais *(à esq.)*: cenas inimagináveis em Buenos Aires

TOMAS CUESTA/GETTY IMAGES/AFP

A grade ao redor da Casa Rosada, no centro de Buenos Aires: como se fosse o alambrado de La Bombonera

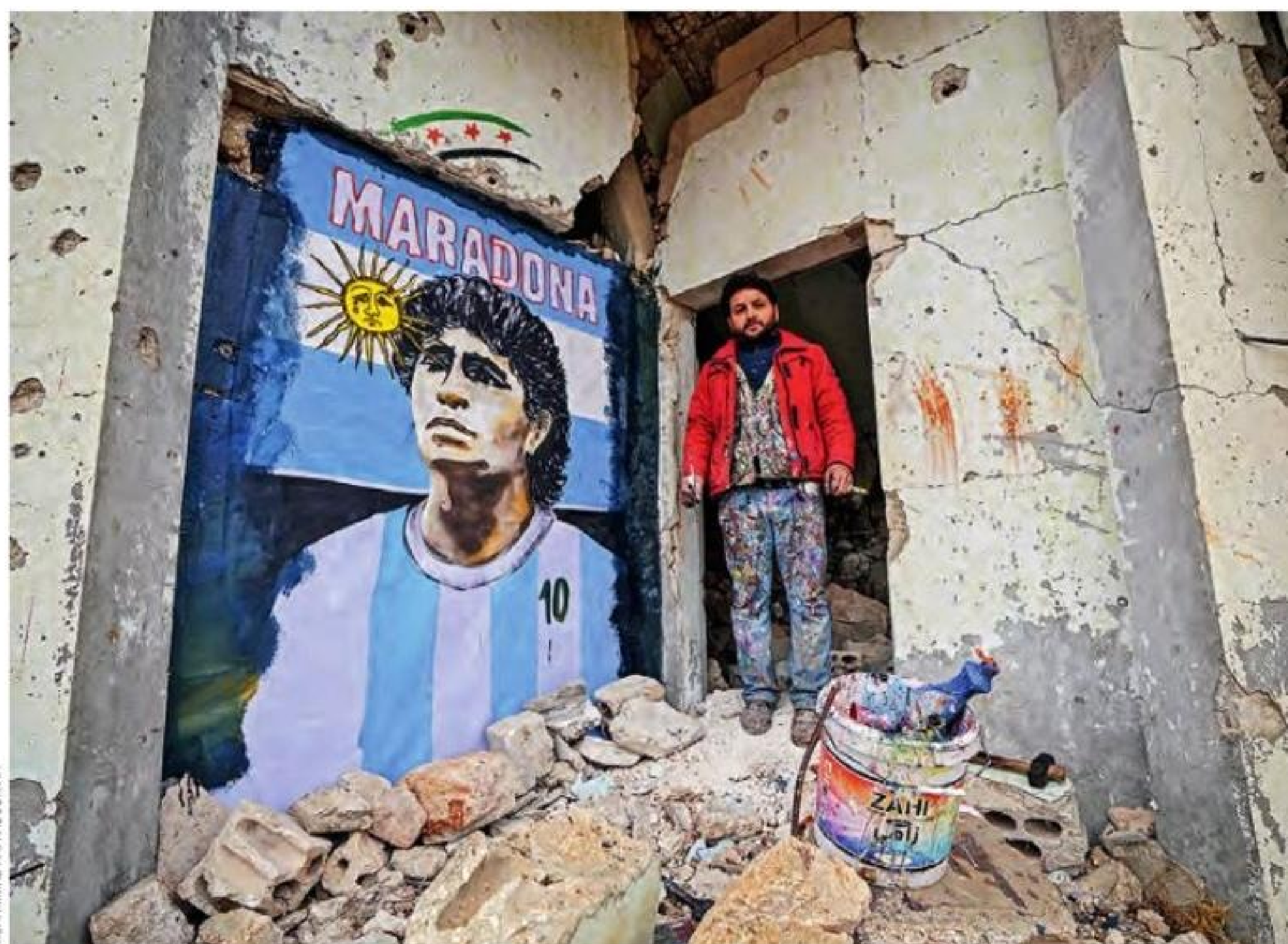
palharam pelas redes sociais. Fizeram um indecoroso sinal de positivo com o dedo para cima. Sorriam. Um deles se chama Diego. Os três foram demitidos.

Haveria outro modo de reagir ao anúncio de que o gênio canhoto não sobrevivera a um edema agudo no pulmão e a uma insuficiência cardíaca aguda? Não. Quando o site do diário *Clarín* deu a notícia, logo depois do meio-dia de quarta-feira, 25 de novembro, a comoção se espalhou — pela Argentina, pelo mundo e especialmente em Nápoles. Dezenas de torcedores se postaram diante do condomínio na cidade de Tigre, periferia chique de Buenos Aires, onde morava o mito. No bairro operário de La Boca, velas e fotografias brotaram com velocidade. Não tardou para que o presidente da República, Alberto Fernández, anunciasse o velório para a Casa Rosada, na manhã seguinte. E o que se viu, em plena pandemia, foram centenas de milhares de pessoas desfilando à frente do ataúde desde as 6 da manhã.

Quando, no final da tarde, os que estavam no fim da fila souberam que as portas se fechariam antes que eles pudessem alcançar a entrada, deu-se a confusão. Os policias dispararam bombas de gás lacrimogênio, muitos fanáticos escalaram as grades do edifício do governo como se subissem o alambrado de La Bombonera. A oposição acusou Fernández de irresponsabilidade, porque inclusive dentro da sede da Presidência houve brigas e quebra-quebra — além, é claro, do risco de disseminação do vírus deste 2020 melancólico, numa Argentina que tem uma das maiores médias mundiais de morte em decorrência de Covid-19 por 100 000 habitantes. O busto do ex-presidente Hipólito Yrigoyen foi atacado. A família de Diego — e com ela, o corpo — foi levada às pressas para outro salão, o dos Po-

MARIO DE FINA/AP

MUHAMMAD HAJ KADOUR/AFP

O cortejo se aproxima da última despedida *(à esq.)* e a homenagem na Síria, destruída pela guerra civil: onda de lamento que se espalhou pelo mundo

vos Originários. Fernández se defendeu, dizendo que se não houvesse a organização do governo, oferecendo a Casa Rosada, tudo estaria fora do controle.

E não existiria, realmente, outra possibilidade de resposta sendo Maradona, "Maradó, Maradó, Maradó", e só ele para deflagrar homenagem tão ecumênica — torcedores do Boca e do River, arquirrivais, se abraçavam, emocionados, registrados em fotografias que viralizaram, milagrosas diante de tanta polarização, e que viraram ícones. Era Maradona, enfim. Ouviu-se de um torcedor uma frase que resumia a jornada. Perto de um grupo calado, ele gritou: "Pessoal, ânimo! Parece que estamos num velório". Um senhor, em prantos, próximo à Plaza de Mayo, dizia: "Não, Dieguito, não! Como pôde morrer? E agora, o que vamos fazer? Deus, cuide bem dele". Uma senhora colava uma fotografia de Maradona com Tevez num muro e avisava: "Espere-me, Dieguito. Logo mais estarei aí com você". Às 17h44, o caixão seguiu em cortejo, aplaudido no caminho, para o cemitério de Bella Vista. Por desejo expresso da família, houve uma cerimônia íntima. Maradona foi enterrado ao lado dos pais, Dona Tota e Don Diego. Investiga-se agora se houve alguma negligência no atendimento emergencial ao jogador entre 8h50 da manhã, quando piscou uma mensagem no grupo de WhatsApp dos enfermeiros, e a morte, ao meio-dia. Descobriu-se que mais de uma vez Maradona brigou com seu médico particular, a quem chegou a empurrar pedindo para ficar sozinho. Maradona chegara ao limite. Disse Daniel Ojeda, um cirurgião plástico de 56 anos: "Foi-se o último deus pagão". ■

EL DÍA Y LA

A glória da Copa de 1986 será sempre lembrada por Maradona em duas versões — o do golaço contra a Inglaterra, mas também pela "mano de Dios", *cinco minutos antes. Um não existiria sem o outro*

Fábio Altman

FOTOS JUHA TAMMINEN

Coube ao escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015) a mais precisa definição do que aprontou Maradona em 22 de junho de 1986, um domingo de sol no Estádio Azteca, do México, na vitória de 2 x 1 da Argentina contra a Inglaterra. "Esse ídolo generoso e solidário tinha sido capaz de cometer, em apenas cinco minutos, os dois gols mais contraditórios de toda a história do futebol. Seus devotos o veneravam pelos dois: não apenas era digno de admiração o gol do artista, bordado pelas diabruras de suas pernas, como também, e talvez mais, o gol do ladrão, que sua mão roubou." O primeiro aconteceu aos cinco minutos do segundo tempo, o infame gol de

No 2 x 0, foram 55 metros de corrida e onze toques na bola, todos de esquerda, driblando cinco adversários de branco: "De que planeta você veio, para deixar pelo caminho tantos ingleses, para que o país seja um punho cerrado gritando pela Argentina?", gritou o locutor Victor Hugo Morales na mãe de todas as narrações

NOCHE DEL 10

BOB THOMAS/SPORTS PHOTOGRAPHY/GETTY IMAGES

No 1 x 0, não há dúvida da contrafação, da malandragem: mas o argentino voou como uma pipa. O goleiro Peter Shilton parecia colado ao gramado

mão, com *"la mano de Dios"*, milongueiro, enganador, abusado. O segundo, aos dez minutos, fabuloso, preciso, mágico, depois de driblar cinco jogadores ingleses, como se fosse uma vingança pelo conflito das Malvinas-Falklands, no mais espetacular gol de todas as Copas do Mundo, uma obra-prima inesquecível. Maradona foi tão inacreditável, tão inesperado, que em um átimo de tempo resumiu toda uma trajetória de vida — o abuso e a perfeição. Cabe, na narrativa daquele início de segundo tempo das quartas de final, a caminho da semifinal contra a Bélgica e da vitória contra a Alemanha na final, inverter a ordem dos fatores. Conta-se primeiro o que veio depois, a fileira de ingleses indo ao chão.

As fotografias ajudam, evidentemente, a entender o que Maradona fez naqueles segundos que se estendem até hoje infinitamente — mas as imagens em movimento, ao menos nesse caso, são insuperáveis. Sorte a nossa ter o YouTube à disposição. Uma experiência é procurar pelo golaço ao som de *Por una Cabeza*, o tango de Alfredo le Pera cantado por Gardel — e suba a primeira mão, que não precisa ser divina, quem não se emocionar. Ele percorreu 55 metros e deu onze toques na bola, sempre com a perna esquerda. Atravessou o campo em sete segundos, a uma velocidade média de 29 quilômetros por hora — um velocista de atletismo, sem bola, é claro, chega a 35 quilômetros por hora. O.k., pode soar um tanto técnico em demasia esmiuçar com números algo tão intuitivo, e não foi por isso que Buenos Aires parou e depois foi às ruas naquela jornada de quase 35 anos atrás. Quem ditou o humor do asfalto, colado a Maradona, foi o narrador Victor Hugo Morales. Lê-lo não é como ouvi-lo, mas longe não fica. Foi assim: "Pega Maradona, marcado por dois. Pisa na bola Maradona,

ETSUO HARA/GETTY IMAGES

THE Sun

25P LESS THAN THE DAILY MIRROR

BLACK FRIDAY DEALS SAVE £1,000s WITH THIS PAPER

THE PEOPLE'S PAPER

MARADONA DEAD AT 60

ENGLAND'S WORLD CUP NEMESIS & ONE OF THE ALL-TIME GREATS...

In the hands of God

FAREWELL TO A LEGEND: SEE PAGES 4 & 5 PLUS SUNSPORT

Em 1986, a Copa do Mundo estava nas mãos de Diego, e, na despedida, o tabloide inglês riu da eterna reclamação: "Nas mãos de Deus"

arranca pela direita o gênio do futebol mundial e deixa para trás o terceiro e vai tocar para Burruchaga... segue com a bola Maradona. Gênio! Gênio! Gênio! Ta-ta-ta-ta-ta-ta... e Gooooooooool! Goooooooooool! Quero chorar... Santo Deus, viva o futebol... Golaaaaaaaçooooo! Diegol. Maradona. É para chorar, me perdoem. Maradona, em uma corrida memorável, na maior jogada de todos os tempos... pipa cósmica, de que planeta você veio, para deixar pelo caminho tantos ingleses, para que o país seja um punho cerrado gritando pela Argentina? Argentina 2, Inglaterra 0. Diegol! Diegol! Diego Armando Maradona... Obrigado, Deus, pelo futebol, por Maradona, por essas lágrimas". No original, em castelhano, o locutor usou a palavra *barrilete* para se referir a pipa, aquela que foi se imiscuindo entre os adversários, leve e solta. Era muito possivelmente uma provocação a um artigo do treinador César Luis Menotti, que antes do torneio chamara o 10 de *"barrilete"* — no sentido figurado, a palavra serve para descrever alguém ainda cru, frágil, que vai e vem como o vento. Em 1978, Menotti cortara o imberbe Diego da Copa, em casa, e impediu que ele, aos 17 anos, fosse um campeão do mundo tão jovem quanto Pelé.

Esse Maradona, o da arrancada espetacular, cósmica, foi apenas um deles — convém não esquecer, eram dois. O lance significou quase uma resposta a quem ousou desconfiar do que ele fizera antes, o tento maldito, diabólico. Que ele usou a mão, não há dúvida alguma. Pouco se lembra, contudo, a capacidade de um jogador de apenas 1,65 metro subir mais que o goleiro inglês Peter Shilton, de 1,83, preso ao gramado. Shilton, aliás, nunca perdoou a contrafação. Ouvido por um jornal inglês depois da morte do craque, o goleiro não poderia ser mais claro. "O que eu não gosto é que ele nunca se desculpou", afirmou. "Em nenhum momento disse que havia trapaceado e que gostaria de se desculpar. Em vez disso, usou sua frase de 'a mão de Deus' e não foi certo. Parece que ele tinha grandeza, mas infelizmente não tinha espírito esportivo."

De fato, Maradona nunca se desculpou, mas algum espírito esportivo demonstrou. Um pouco antes da Copa da Rússia, em 2018, a primeira na qual seria usado o VAR, ele foi entrevistado a respeito da tecnologia. Admitiu, rindo (ele sempre ria), que o recurso de vídeo anularia o gol da mão de Deus. E, convenhamos, até nisso Maradona foi mais esperto, chegou antes da hora: tratou de pôr a mão na pelota antes do VAR. Direto ao ponto: com o VAR, metade da parábola contra a Inglaterra, metade daquela contradição indelével, se apagaria. Ainda bem que houve Dr. Jekyll e Mr. Hyde, porque Maradona era assim, e assim ele ergueu aos céus a taça de campeão do mundo de uma Copa para sempre marcada por aqueles cinco minutos de ficção, cronometrados pelo lado obscuro, *la noche del 10*, mas também pela porção claríssima, *el día del 10*. ■

ARQUIVO PESSOAL

O GAROTO PRODÍGIO GANHOU O MUNDO

Desde muito pequeno ele espantava companheiros e adversários com a habilidade de sua perna esquerda. Saiu da periferia de Buenos Aires para conquistar o planeta, com a sonhada camisa da seleção argentina, até abrir as portas da Europa com a 10 do Barcelona. O resto é história.

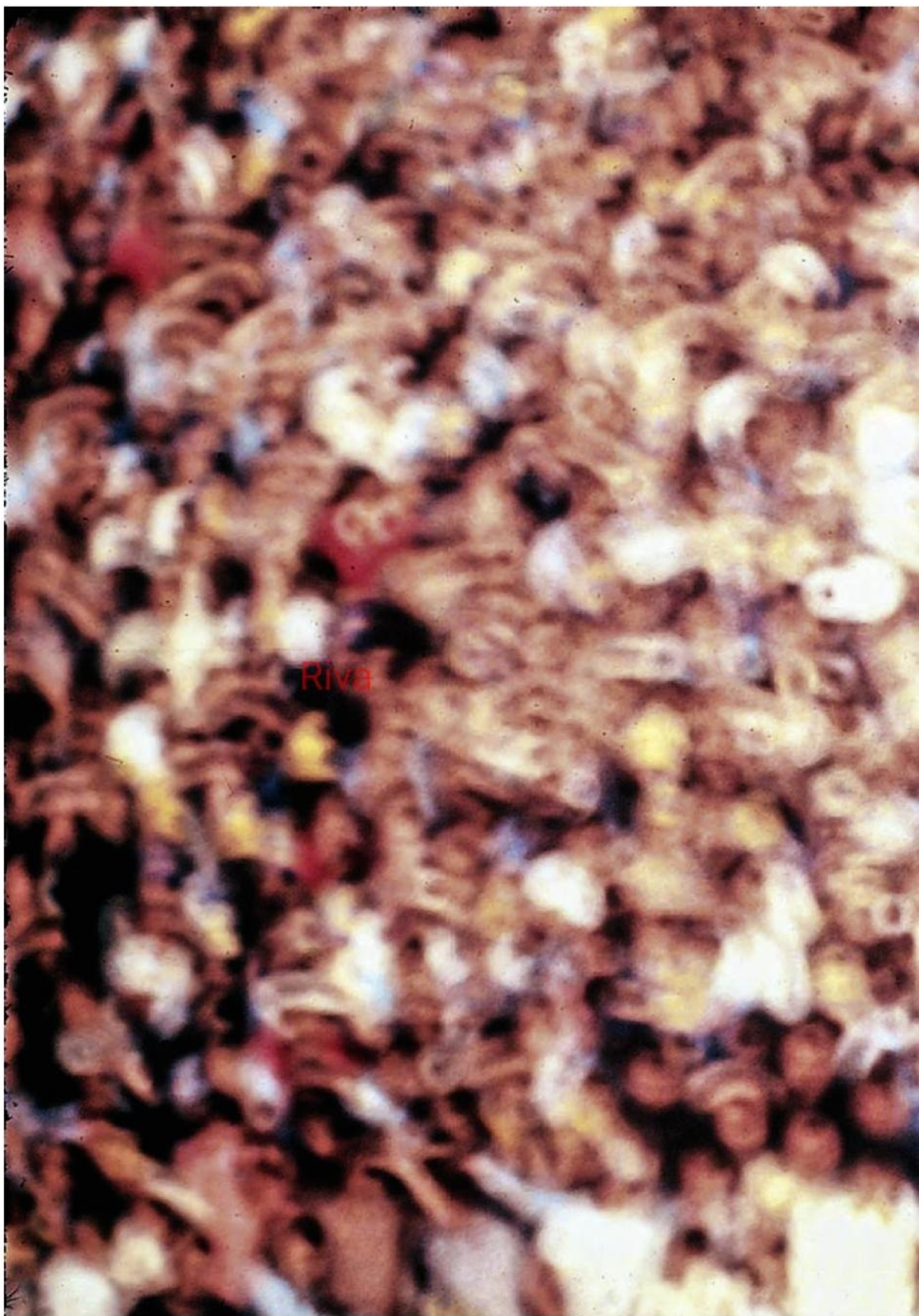
INFÂNCIA
Os primeiros chutes, aos 9 anos, no time dos Cebollitas, atração do bairro portenho de Villa Fiorito, onde foi criado e descoberto

LEMYR MARTINS

DECEPÇÃO
O treinador César Luis Menotti, que levou a Argentina ao título em 1978, cortou o então garoto de apenas 17 anos da equipe

TWITTER @TPHOTO2005

AFIRMAÇÃO
Em 1979, na Copa do Mundo Sub-20, no Japão, o mundo conheceria as habilidades do meia do Argentinos Juniors

METEORO
Sua primeira passagem pelo Boca durou apenas um ano, de 1981 a 1982, com 35 gols em quarenta jogos, o suficiente para torná-lo uma lenda xeneize

DIARIO POPULAR/NA/AFP

LOUVAÇÃO
À véspera de embarcar para a Espanha, em 1982, ídolo das *"barras bravas"* de La Bombonera, os torcedores que o seguiam como a um farol

VI IMAGES/GETTY IMAGES

DISCRIÇÃO
No time catalão, ele jogou de 1982 a 1984, brigou muito e fraturou a perna esquerda, depois de violenta entrada de um zagueiro do Athletico de Bilbao

PETER ROBINSON/EMPICS/GETTY IMAGES

MARCAÇÃO
Na Copa de 1982, o Brasil de Zico, Falcão e Cerezo venceu por 3 x 1 e Maradona foi expulso, para renascer espetacularmente quatro anos depois

O VULCÃO DE NÁPOLES

A decisão de trocar o nome do estádio do Napoli, de San Paolo para Diego Armando Maradona, é só mais uma prova da conexão entre o craque e a cidade onde ele viveu o auge nos gramados, e o inferno sem chuteiras, controlado pela Camorra

Gabriel Pillar Grossi

Herói, Deus, *Dio*, o mais napolitano de todos os cidadãos da cidade banhada pelo safira do Tirreno e emoldurada pelo Vesúvio, um lugar permanentemente exposto à beleza e à explosão. Maradona foi ímã de devoção vulcânica em Nápoles. Na quarta-feira, 25 de novembro, milhares de moradores romperam a quarentena para beber, lembrar histórias, chorar e celebrar a vida do craque. "Ele nos deu tudo: vitórias e emancipação", disse o prefeito, Luigi de Magistris. "Nunca será esquecido por uma população de coração enorme que nunca o julgou, apenas o amou." Lorenzo Rubino, de 26 anos, nem tinha nascido quando o craque deixou o Napoli. "Todos morremos um pouco. Eu não chorava desde a morte da minha mãe, há dois anos."

Foi ali, no sul da Itália, pobre e desprezado pelos políticos e moradores da parte mais rica, o norte, de Milão e Turim, que o 10 "se encontrou". Jogou pelo Napoli de 1984 (quando foi comprado ao Barcelona) até 1991 (quando um teste antidoping deu positivo para cocaína e ele foi punido com quinze meses de suspensão). Já no segundo ano (1985-1986), a equipe terminou o campeonato italiano na terceira posição. Em seguida, Maradona juntou-se à seleção argentina e ganhou, praticamente sozinho, o Mundial disputado no México. De volta a Nápoles, e ao lado dos brasileiros Alemão e Careca, levou o clube azul e branco à conquista de seus únicos dois scudettos (nas temporadas 1986-1987 e 1989-1990) e de seu único título internacional (a Copa da UEFA, hoje Europa League, em 1988-1989).

Torcedores de todas as idades celebraram por toda parte, em especial no Bairro Espanhol, onde se encontram murais e fachadas pintados com a imagem

ALESSANDRA TARANTINO/AP GLOW IMAGES

Mural no Bairro Espanhol: um ícone festejado e chorado nas ruas da mercurial e pobre cidade da Campânia, palco de organizações mafiosas e de muita paixão

do atacante. O estádio imediatamente virou ponto de peregrinação, com iluminação especial, música e fogos de artifício. No dia seguinte, todos os jogadores do Napoli entraram em campo com a camisa 10 e o nome de Maradona às costas (o jogo, pela quarta rodada da Europa League contra o HNK Rijeka, da Croácia, terminou 2 a 0 para os donos da casa). A casa, aliás, deve trocar de nome: de San Paolo para Diego Armando Maradona. No país mais católico do mundo, sai o santo que era um dos apóstolos de Jesus Cristo e entra a versão mais humana de "Deus".

Um deus que, todos sabemos, pagou boa parte de seus pecados em vida. Em campo, Maradona se tornou o superastro global enquanto atuava pelo Napoli. Com a bola, mudou a cidade (o país e o mundo do futebol) para sempre. Mais de 70 000 torcedores o receberam no San Paolo em 1984, em sua apresentação ao clube, e, em seus anos de Itália, jogou tudo e mais um pouco. Fez 259 partidas e 115 gols. Fora de campo, jovem, milionário e poderoso, entrou de cabeça nas drogas. Em entrevistas, disse ter experimentado pela primeira vez quando ainda estava em Barcelona, mas foi em Nápoles que se viciou em cocaína e esteve envolvido até com a Camorra, a temida máfia local, que o arrastou para o precipício.

Quis o destino (e o sorteio organizado pela Fifa) que a semifinal da Copa do Mundo de 1990 fosse disputada na cidade, entre a Argentina, então campeã, e a Itália, a organizadora do torneio. Maradona, no auge da fama e da autoconfiança, conclamou os moradores. "Durante 364 dias do ano, vocês são considerados pelo resto do país como estrangeiros. Eu, por outro lado, sou napolitano durante os 365 dias do ano", afirmou às vésperas da partida, na esperança de levar parte do estádio a torcer pela *albiceleste*.

A pressão surtiu efeito. Tanto que o presidente da Federação Italiana foi à TV pedir à população que apoiasse a Azzurra. A explosão que se seguiu ao gol de "Totò" Schillaci, logo aos dezessete minutos, deixou claro que era impossível para os argentinos se sentir os "donos da casa", por mais que muitos gritassem "Diego, Diego" ao longo do confronto. No segundo tempo, Caniggia empatou e, na disputa por pênaltis, coube a Maradona acertar a quarta cobrança, que selou o placar em 4 a 3, garantindo a segunda final consecutiva da Argentina contra a Alemanha (que venceu por 1 a 0 em Roma e ficou com o tri).

No ano seguinte, tudo começou a desmoronar. No dia 17 de março, após a vitória por 1 a 0 sobre o Bari, Maradona foi sorteado para o exame antidoping. Menos de duas semanas depois, saiu o resultado positivo para cocaína. A Fifa (que era criticada pelo craque sempre que possível) ampliou a pena original para quinze meses de suspensão. De

CIRO FUSCO/EPA/EFE

CIRO FUSCO/EPA/EFE

O estádio San Paolo serviu de palco para vigília na noite da morte do craque *(acima)*, homenageado pelo Napoli *(à esq.)* e “sequestrado” pela Camorra do clã Giuliano *(à dir.)*, nos anos em que a vida era uma festa permanente e ruidosa: herói e vilão

REPRODUÇÃO

ALFREDO CAPOZZI

volta à Argentina, foi preso por posse de drogas e obrigado a ir para uma clínica de reabilitação.

Daí para a frente, foram poucas as boas notícias. Maradona admitiu o que todos já sabiam: era um viciado em cocaína. Em 2014, ele diria: "Já imaginou que jogador eu seria se não tivesse consumido drogas?". Cumpriu a punição estabelecida e voltou a jogar (Sevilla, Newell's Old Boys e o bom e velho Boca Juniors do coração), mas sofria muito para se manter em forma. Em 1993, nove meses antes da Copa do Mundo dos Estados Unidos, sua mulher, Claudia, sugeriu que procurasse o ex-campeão sul-americano de fisiculturismo Daniel Cerrini. Ela e a mulher do goleiro Goycochea, Ana Laura, frequentavam a academia dele em Buenos Aires.

A recepção da imprensa e de mais de 70 000 torcedores na cidade que o adotaria como um deus: dois scudettos, 259 partidas e 115 gols

Cerrini, conhecido por consumir e vender esteroides e outros anabolizantes, pôs o craque para malhar e para fazer dieta — com uma ajudinha extra de remédios.

A parceria durou pouco. A três meses da Copa, Maradona seguia se preparando, estava limpo e passou a correr, fazer musculação e treinar boxe com o secretário de Esportes do governo argentino, Néstor Alberto Lentini, na época um dos médicos desportivos mais conhecidos do mundo. Ao chegar aos

IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

Parceria goleadora com Careca e a comemoração chorosa ao derrotar os italianos na Copa de 1990: Nápoles era "sua" segunda casa

EUA, para o Mundial, Claudia afirmou que ele continuava gordo: "Nunca estiveste tão bem como quando Cerrini te dizia o que fazer". Fazia seis meses que os dois não se falavam — e o jogador o mandou pegar um avião para Boston. Terminado o jogo contra a Nigéria, ainda na primeira fase, duas enfermeiras entraram no campo, enquanto o time argentino comemorava a vitória por 2 a 1. Maradona saiu, sorridente, de mãos dadas com uma delas. Mas a sorte já estava selada. A ideia era mostrar que mesmo as grandes estrelas precisam cumprir as regras do jogo.

No dia 30 de junho, a Fifa anunciou a presença de efedrina na urina do atleta. Nova suspensão de quinze meses e uma espiral depressiva. Na luta contra as drogas, ele mesmo admitia que parecia estar lutando contra um fantasma. "É uma partida difícil. Estou perdendo por 5 a 0, faltam poucos minutos e já não tenho mais forças. Não vejo caminho de saída", afirmou, em 1996. Nesse mesmo ano, seguiu rumo a uma clínica na Suíça para se tratar. De volta ao Boca, foi mais uma vez flagrado no antidoping, em 1997 — e anunciou sua aposentadoria do futebol. Em 2000, estava em Punta del Este, no Uruguai, e teve uma crise cardíaca por causa de uma overdose. Passou quase quatro anos se recuperando em Cuba — e o guitarrista inglês Eric Clapton, dono de um conhecido centro de reabilitação no Caribe, ofereceu ajuda a Maradona, mas a "parceria" não se consumou.

Vinte anos depois, ganhou o título de cidadão honorário de Nápoles. Lá, como cá, nenhum de seus pecados torna menor quem Maradona foi e o que ele fez com uma bola e uma paixão. ■

FOTOS TELAM/AP, NATACHA PISARENKO/AP

PASSIONAL
Com Carlitos Tevez *(acima)*, a quem treinou na seleção da Argentina, e com Claudio Caniggia, o carrasco do Brasil na Copa de 1990

TUDO ERA UM SÓ CORAÇÃO

O craque sempre foi autêntico em suas escolhas: seja nas amizades, seja na política. Usava seu prestígio de pop star para comprar brigas. Algumas no bom caminho, outras nem tanto. Com ele não havia indiferença: era amor, quase sempre, ou ódio

PROVOCADOR
Em 1990, depois de derrotar o Brasil nas oitavas de final da Copa da Itália, ele vestiu a camisa amarela e saiu por aí, mas a Argentina foi vice

PEDRO MARTINELLI

Riva

CHARLES KRUPA/AP/GLOW IMAGES

MICHAEL KUNKEL/BONGARTS/GETTY IMAGES/AFP

OUSADO E ACUADO
Na Copa de 1994, ele marcou um golaço contra a Grécia, na vitória por 4 a 0 na estreia *(à esq.)*, foi levado por uma enfermeira para o antidoping no final do jogo seguinte, contra a Nigéria *(acima)*, e, com a divulgação do resultado, positivo para um remédio destinado a emagrecimento, acusou a Fifa de perseguição ao afirmar “cortaram as minhas pernas”

TIM SHARP/AP

Riva

ALEXANDRE BATTIBUGLI

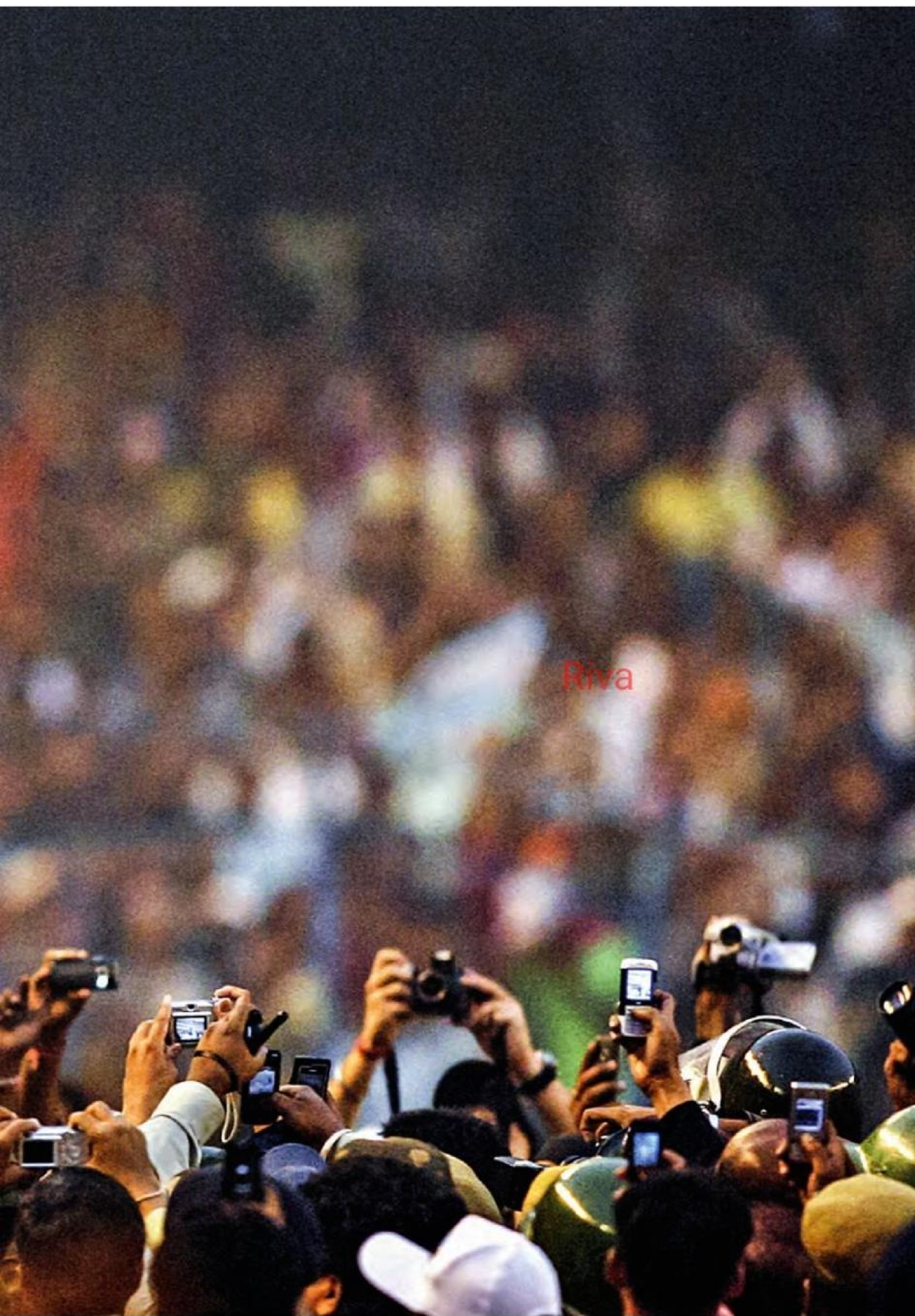
TEATRAL
De volta ao Boca, em 1996-1997, Maradona foi mais uma vez pego no antidoping e a história se repetiu como farsa, pois ele tinha se tornado um personagem, mas não um jogador

DIVULGAÇÃO

POLITIZADO
Ao lado de Fidel Castro, em Cuba: se mostrou canhoto inclusive na postura política, que exibiu com orgulho radical até o fim da vida, como protesto

RELIGIOSO
Só dava ele como o argentino mais conhecido do mundo, até que em 2013 despontou o papa Francisco, torcedor fiel do San Lorenzo

PIER MARCO TACCA/GETTY IMAGES

DESHAKALYAN CHOWDHURY/AFP

ADORADO
O craque atraía gente ao modo de ídolos do rock, como na recepção em um estádio de Calcutá, na Índia, em 2008

ALEXANDRE BATTIBUGLI

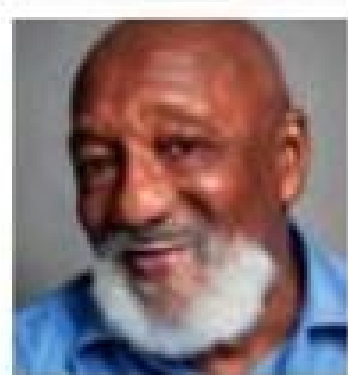
PROFESSORAL
Em 2010, ele levou a Argentina de Messi até as quartas da Copa. A derrota por 4 a 0 para a Alemanha interrompeu o breve sonho

MÍSTICO
Na Copa de 2018, na Rússia, ele trabalhou como comentarista de uma emissora de TV da Venezuela, mas, alquebrado, já era uma triste figura

IMAGO/ZUMA PRESS/FOTOARENA

FOTOS EL GRÁFICO, EFE

ADMIRADOR
Jovem ainda, antes do título mundial, o primeiro encontro com Pelé, em 1979 *(à esq.)* — com quem voltaria a dividir a cena em eventos da Fifa *(abaixo, à esq., em 1990)* e no sorteio dos grupos da Copa da Rússia, em 2018, ao lado de Vladimir Putin, cena que causou comoção com o Rei na cadeira de rodas, beijado pelo argentino

MIKHAIL METZEL/TASS/GETTY IMAGES

PAULO CEZAR CAJU

O dez do Barça vestiu uma réplica da camisa do Newell's Old Boys usada por Diego quando jogou pelo time de Rosário

TWITTER/BARCELONA

O DEMONÍACO OU O ANGELICAL?

Não gosto de ficar em cima do muro, mas se a questão é saber quem é melhor, Maradona ou Messi, colocaria um no primeiro tempo, o outro no segundo. Ou melhor: o bom mesmo seria vê-los juntos

Caramba, tem uma turma que não pode me ver quieto e vem chegando de mansinho, de mansinho e manda na lata: PC, quem escolhe no par ou ímpar, Maradona ou Messi? Já falei mil vezes que não fico em cima do muro, mas desta vez prefiro pôr Maradona no primeiro tempo e Messi no segundo. Estou falando de bola, dentro de campo, deixando de lado vida pessoal e conquista de títulos. Messi, angelical, Maradona, demoníaco, dois gênios que iluminaram os campos do mundo. Na verdade, nenhum dos dois em cada tempo, mas os escalaria jogando juntos.

Maradona jogou em uma seleção mediana, em 1986, e fez o que fez. Messi atuou em seleções de qualidade técnica superior, mas não convenceu. A mesma comparação pode ser feita com o Barcelona, de Messi, e o Napoli, de Maradona. Claro que Messi dividiu o time com jogadores espetaculares e Maradona mais uma vez se viu obrigado a carregar um time nas costas. Além de tudo, Maradona, apesar de ter força física, não demonstrava esforço para jogar. Os craques jogam com leveza. Vejam Gérson, Didi, Falcão.

Agora, se me perguntam quem escolho no par ou ímpar, Sócrates ou Raí, claro que escolho Sócrates. Raí tinha um preparo infinitamente superior, Sócrates fumava, mas quando entrava em campo, levitava. Os craques precisam ter preparo e sabedoria para vencer os gladiadores que habitam as arenas nossas de cada dia. Messi, tímido, alcançou seu mestre, não tenho dúvida disso. E chegar ao nível de poder ser comparado a Maradona é para poucos, pouquíssimos. A imagem de Messi com a camisa do Newell's Old Boys, clube pelo qual ambos defenderam as cores, certamente entrará para a história das grandes homenagens do futebol. Foi emocionante. ■

"Os craques precisam ter preparo e sabedoria para vencer os gladiadores que habitam as arenas nossas de cada dia. Os craques jogam com leveza. Vejam Gérson, Didi, Falcão."